

O disco que a gravadora não quis fazer

Capítulo	3 — As músicas dos sertões
Ano sugerido	1ª série do Ensino Médio; adapta-se ao 9º ano
Disciplina	História
Em parceria com	Língua Portuguesa, Arte
Tempo sugerido	2 aulas de 50 minutos

Professor(a): _____ Turma: _____ Data: ____ / ____ / ____

TEMA GERAL

1929: um escritor paga do próprio bolso para gravar o jeito de falar e de tocar do interior paulista, que nenhuma gravadora queria pôr em disco.

Problema norteador: *Por que ninguém queria gravar o modo de falar de metade do país?*

HABILIDADES

- **EM13CHS104** Analisar objetos da cultura material e imaterial como suporte de conhecimentos, valores, crenças e práticas que singularizam diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.
- **EM13LGG203** Analisar os diálogos e conflitos entre diversidades e os processos de disputa por legitimidade nas práticas de linguagem e suas produções (artísticas, corporais e verbais), presentes na cultura local e em outras culturas.

No ENEM: Matriz de Referência do ENEM. Ciências Humanas e suas Tecnologias: H5 — Identificar as manifestações ou representações da diversidade do patrimônio cultural e artístico em diferentes sociedades. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias: H20 — Reconhecer a importância do patrimônio linguístico para a preservação da memória e da identidade nacional; H26 — Relacionar as variedades linguísticas a situações específicas de uso social.

OBJETIVOS

- Analisar e relacionar a canção e os demais documentos da aula como fontes históricas, para responder à pergunta norteadora: Por que ninguém queria gravar o modo de falar de metade do país?
- Compreender o interior paulista da economia do café: trabalho, propriedade e vida rural no início do século XX.
- Compreender a série de discos de 1929, financiada pelo próprio autor diante da recusa da gravadora, e seu sucesso.
- Compreender variação linguística, norma e prestígio; a fala como marca de classe e de origem.
- Avaliar o percurso da aula no produto final: um arquivo sonoro da turma: cada aluno grava dois minutos de fala de alguém mais velho da família ou do bairro, com transcrição e uma ficha dizendo o que aquela fala revela sobre origem e trajetória — e uma introdução coletiva explicando por que essas gravações não existiriam se dependessem de uma gravadora.



Variação linguística costuma ser dada como conceito e como boa intenção. Aqui vira caso concreto e datado, com uma gravadora recusando um sotaque por achá-lo invendável — e errando o cálculo, porque os discos venderam.

Ensina que preconceito linguístico é preconceito social com outro nome, e que ele deixou marcas materiais: o que foi gravado e o que não foi.

Dá o outro sertão. O interior paulista do café, com sua gente e sua fala, é tão sertão quanto o do Nordeste, e quase nunca entra na aula.

E dá indústria cultural pelo avesso: a prova de que a indústria não descobre o gosto do público, ela aposta — e às vezes é o público que a corrige.

CONTEÚDOS ENVOLVIDOS

- O interior paulista da economia do café: trabalho, propriedade e vida rural no início do século XX.
- A série de discos de 1929, financiada pelo próprio autor diante da recusa da gravadora, e seu sucesso.
- Variação linguística, norma e prestígio; a fala como marca de classe e de origem.
- A imagem do caipira entre a dignidade e a caricatura, na pintura e na literatura do período.
- Moda de viola, cateretê e cururu como registro de um modo de vida.
- Quem decide o que merece ser gravado.

DESENVOLVIMENTO

1. Escuta da faixa de 1929 (10 min · escuta)

Sem contexto. Duas perguntas: de onde é essa gente, e o que na gravação permite dizer isso? A fala entra como dado, não como piada.

2. Língua Portuguesa assume (10 min · leitura)

O que exatamente marca aquela fala, e por que ela soa engraçada para alguns ouvidos e não para outros.

3. A história do disco (10 min · exposição)

A gravadora recusa, o autor toma um empréstimo e banca seis discos de cinco mil cópias cada, os trinta mil se esgotam em tempo recorde, e a gravadora muda de ideia.

4. Se vendia, por que recusaram? (20 min · debate)

A turma formula hipóteses e as confronta com o que sabe sobre quem mandava na indústria e quem era o público imaginado.

5. Arte assume (10 min · leitura)

A pintura de 1899 e a personagem literária de 1918, lado a lado. O mesmo homem retratado com dignidade e com desprezo, em vinte anos. Quem mudou, ele ou quem olhava?

6. A moda de viola consolidada (10 min · escuta)

Escuta de gravação de décadas depois, para medir o que sobreviveu e o que foi domesticado.

7. Ponte com o presente (20 min · debate)

Que sotaques a turma ouve em locução, em publicidade e em dublagem, e quais nunca ouve.

8. O arquivo sonoro da turma (25 min · produção artística)



Gravação, transcrição e ficha de cada aluno, com introdução coletiva.

MATERIAIS

Jorginho do Sertão Turma Caipira Cornélio Pires · 1929 · Columbia, maio de 1929

A fala e a música do interior paulista chegando ao disco pela primeira vez.

Tristeza do Jeca Tonico e Tinoco · Composição de Angelino de Oliveira

A moda de viola já consolidada, para medir o que sobreviveu.

Chico Mineiro Tonico e Tinoco · 1946 · Gravado em 10 de abril de 1946, com acompanhamento de Piraci

O gênero maduro, com enredo e narrador.

- audio: Simplicidade de caipira — Columbia 20.002, maio de 1929 — <https://www.youtube.com/watch?v=EKyN7ouoCEc>
- link: Cornélio Pires (Enciclopédia Itaú Cultural) — <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/43808-cornelio-pires>
- link: Cornélio Pires: os 140 anos (Discografia Brasileira / IMS) — <https://discografiabrasileira.com.br/posts/247799/cornelio-pires-os-140-anos-do-escritor-e-contador-de-causos-que-deu-vez-e-voz-aos-caipiras-na-literatura-e-na-musica-popular>
- link: A série de discos Cornélio Pires e os campeões de vendas (Ritmo Melodia) — <https://ritmomelodia.mus.br/a-serie-de-discos-cornelio-pires-e-campeoes-de-vendas/>
- pdf: Do palco ao disco — estudo sobre a série de 1929 — https://www.memoriadamusica.com.br/site/images/Do_Palco_o_disco.pdf
- link: O violeiro, de Almeida Júnior, 1899, e a personagem literária de 1918

BIBLIOGRAFIA

BRUZADELLI, Víctor Creti; SOUSA, Rainer Gonçalves. História da Música Popular Brasileira para Vestibulares e ENEM. 2. ed. Goiânia: Kelps, 2026.

AValiação e Produção dos Alunos

Um arquivo sonoro da turma: cada aluno grava dois minutos de fala de alguém mais velho da família ou do bairro, com transcrição e uma ficha dizendo o que aquela fala revela sobre origem e trajetória — e uma introdução coletiva explicando por que essas gravações não existiriam se dependessem de uma gravadora.

- Uso da canção como fonte, e não como ilustração: a afirmação histórica se apoia no que se ouve.
- Correção e datação do contexto histórico mobilizado.
- Organização das fontes reunidas e clareza sobre o que cada uma comprova.

